

"DEUS CRIOU O MUNDO E NÓS CONSTRUÍMOS O PALMEIRA": TRAJETÓRIA DE LUTAS¹:

Autora: Fernanda Rodrigues
Doutora em Sociologia Universidade Federal do Ceará.

RESUMO

Para este GT realizo uma reflexão sobre relatos e experiências que vêm conferindo ao bairro Conjunto Palmeiras localizado na cidade de Fortaleza-Ceará-Brasil a imagem de um bairro solidário. Direciono minha atenção para as falas de um conjunto de moradores, que foram se constituindo como lideranças no decorrer dos processos de construção do bairro. Meu intuito é destacar, neste momento, as falas dessas lideranças por conferirem significado às lutas e conquistas passadas, vinculando, no presente, essas lutas à ideia de bairro solidário. Por esta razão, procuro compreender e mostrar ao leitor até que ponto os relatos sobre o bairro articulam-se e reiteram essa dimensão dada ao Conjunto Palmeiras.

Palavras chave: Conjunto Palmeiras; solidariedade; Mito.

RESUMEN

Para este Grupo de Trabajo (GT), reflexiono sobre los informes y experiencias que imprimen una imagen de barrio solidario a Conjunto Palmeiras, localizado en la ciudad de Fortaleza, Ceará, Brasil. Enfoco las palabras de un grupo de residentes que se formaron como líderes en los procesos de construcción del barrio. En este momento, pongo de relieve los discursos de estos líderes para conferir sentido a las luchas y los logros pasados. Estos discursos unen, en la actualidad, estas luchas con la idea de barrio solidario. Por lo tanto, trato de entender y mostrar al lector hasta que punto los relatos sobre el barrio articulan y reiteran la dimensión dada a Conjunto Palmeiras.

Palabras clave: Conjunto Palmeiras. Solidaridad. Mito.

“Até hoje eu acho o Palmeiras uma comunidade de ousadia, sempre teve essa história de ousadia, e isso sempre foi assim; muitas comunidades vê a gente com um olhar diferente.”

Augusto Barros Filho, morador do Conjunto Palmeiras.

Neste artigo, realizo uma reflexão sobre relatos e experiências que vêm conferindo ao Conjunto Palmeiras a imagem de um bairro solidário. Direciono minha atenção para as falas de um conjunto de moradores, que foram se constituindo como lideranças no decorrer dos processos de construção do bairro. Muitas vezes, essas lideranças nasceram concomitantemente às entidades representativas locais. Todavia, não é meu interesse discutir, neste artigo, sobre as entidades existentes no bairro. Meu intuito é destacar, neste momento, as falas dessas lideranças por conferirem significado às lutas e conquistas passadas, vinculando, no presente, essas lutas à ideia de bairro solidário.

O Conjunto Palmeiras está localizado na cidade de Fortaleza no nordeste brasileiro. É resultado de uma política de remanejamento ocasionada pelo reordenamento espacial da cidade de Fortaleza, ocorrido em 1973, na gestão do então Prefeito de Fortaleza Vicente Fialho. No escopo dessas remoções, havia pessoas provenientes de áreas de risco (terrenos públicos e particulares), localizadas no bairro Aldeota, nas favelas Poço da Draga, Arraial Moura Brasil, Morro das Placas e Verdes Mares, além dos desabrigados da favela do Lagamar. Nesse período, foram transferidas 143 famílias para a região sul da cidade, próximo à BR 116, onde hoje se situa o Conjunto Palmeiras. A

transferência ocorreu em duas fases: a primeira, em 1973, como acima mencionado; e a segunda, em 1975. Esta última tratou de famílias oriundas dos arredores da Avenida Santos Dumontⁱⁱ.

Após um processo de reivindicações articuladas por lideranças locais, o Conjunto Palmeiras passa a ser considerado bairro da cidade de Fortaleza, no dia 13 de novembro de 2007, sob o DL/290, sancionado na administração da Prefeita de Fortaleza Luiziane de Oliveira Lins. Até ser promulgado bairro, o Conjunto Palmeiras fazia parte do bairro Jangurussu, juntamente com os conjuntos residenciais: Conjunto São Cristovão, Conjunto da Marinha (Almirante Tamandaré), Santa Filomena, Conjunto Sítio São João e, recentemente, o Conjunto Maria Thomásia, constituindo o chamado Grande Jangurussu. O Conjunto Palmeiras geograficamente está próximo aos bairros José Walter, Messejana e Jangurussu. Os bairros Messejana, Conjunto Palmeiras e Jangurussu estão administrativamente vinculados à Secretaria Executiva Regional VIⁱⁱⁱ.

De acordo com os dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base nos dados do Censo Demográfico de 2010, a população residente no Conjunto Palmeiras é de 36.599 pessoas. Deste total, 59,90% concentram-se nas faixas etárias entre 0 a 29 anos, enquanto que apenas 10,9% da população referem-se à faixa etária superior a 50 anos. Já 29,2% estão entre 30 e 49 anos. Diante destes dados, verifica-se que há ainda uma predominância da população jovem.

No que diz respeito aos rendimentos dos moradores do bairro, o IBGE constatou que, do total de pessoas a partir de 10 anos de idade, isto é, 30.629 moradores, 13.877 possuem algum tipo de rendimento, algo em torno de 45,3%, enquanto que 54,7% dos habitantes declararam não ter nenhum rendimento.

Em relação à taxa de alfabetização, os dados do IBGE, de acordo com o censo demográfico de 2010, mostram que o índice é de 90,4%, sendo que, desse total, 91% correspondem a mulheres, e 89,7% a homens.

Retomando o propósito do presente artigo, as mensagens orais a que me referi no início deste artigo têm sido contadas e recontadas de diversas formas: nos eventos, nas solenidades e reuniões locais, assim como em estudos e pesquisas acadêmicas realizadas sobre o bairro. Por esta razão, procuro compreender e mostrar ao leitor até que ponto os relatos sobre o bairro articulam-se e reiteram essa dimensão dada ao Conjunto Palmeiras. Desse modo, convido o leitor a trilhar o percurso histórico do bairro, em que o princípio norteador é a difusão do tema “bairro solidário”.

No transcurso da pesquisa de campo por ocasião do doutorado, participei de diversos eventos sobre o bairro, ouvi inúmeras vezes mensagens de valoração, pronunciadas, em geral, por lideranças locais. Interessada em aprofundar a dimensão solidária dada ao bairro, passei a observar nuances presentes nos relatos feitos pelas lideranças. Percebi que se tratava de um pronunciamento histórico sobre o bairro, com trechos dos acontecimentos vivenciados pelos moradores. As mesmas seleções de trechos também se faziam presentes nos relatos e em entrevistas, depoimentos e estudos, como Paulino (2008), Rodrigues (2003), Gadelha (2002), Barbosa (2002), Matos (2002), dentre outros. São relatos, que a meu ver, vão se sedimentando no imaginário social pelas constantes repetições.

As mensagens referem-se, em geral, à chegada dos primeiros moradores ao bairro, à luta pela obtenção dos serviços básicos (energia, água potável, saneamento básico, transporte), bem como aos protagonistas e aos cenários dessas lutas.

Percebi que, dentre os episódios citados acima, alguns são selecionados e passam a fazer parte da construção mítica do bairro. O caráter mítico dessas falas é reproduzido nas várias versões dos episódios citados pelas lideranças. Por exemplo: “[...] não conheço outro bairro solidário como o nosso” ou “[...] nenhum bairro foi construído pelos seus próprios moradores como o Palmeira”, ou ainda “[...] um bairro que se urbanizou e tem na sua própria gênese a solidariedade”.

Por esta razão, tomo suas falas não somente como um dado imprescindível para a apreensão dos processos vivenciados no bairro, mas também como objeto de análise para este artigo na perspectiva de elucidar a ideia de bairro solidário.

Desse modo, aponto a seguir trechos dos estudos acima citados, assim como do acervo das entidades locais, que denotam, a partir do olhar das lideranças, relatos sobre a construção do bairro,

que se iniciam com os episódios que marcaram a chegada dos primeiros moradores e se completam com as descrições das primeiras moradias e das referências aos embriões da organização social local.

Na pesquisa realizada por Rodrigues (2003, p. 31), o trecho relatado por uma liderança aponta a chegada dos primeiros moradores do bairro:

[...] o Palmeira^{iv} começou em [19]73 com a desapropriação da terra, com o governo Virgílio Távora. Em seguida a mesma liderança dizem [19]74 começou a vir pessoas das [favelas] Lagamar, Poço da Draga, Arraial Moura Brasil, Morro das Placas, Verdes Mares e [bairro] Aldeota.

Este mesmo trecho também é descrito no estudo etnográfico feito por Paulino (2008, p. 66): “O meu início na comunidade do Conjunto Palmeiras foi a partir de 1977, logo quando cheguei ao Palmeira. Eu cheguei no Palmeira não tinha praticamente nada, o Palmeira foi criado em 1973, na época do Governo Virgílio Távora”.

As mensagens sobre a origem do bairro também estão presentes na cartilha produzida pela ASMOCONP (1990, p. 7) sobre as primeiras lutas do bairro: “Em 1974, eu morava no lagamar, aconteceu uma grande enchente, fiquei um mês no estádio Presidente Vargas [...] depois a Prefeitura trouxe a gente pra cá [...] viemos no caminhão. Deram 500 telhas e 06 forquilhas e a gente se virou para o resto”. Em outro trecho da Cartilha, o morador afirma: “Aí o Governo começa a construir grandes avenidas retirar as famílias de lá e jogaram no Palmeira”.

Em outro trecho citado por Rodrigues (2003, p. 31), o relato expõe as precariedades do local: “Na época cada um recebeu um pedaço de terra. Quando chegamos aqui no Palmeira, esta casa só tinha um compartimento não tinha água, não tinha nada, só tinha mato”.

Em Paulino (2008, p. 66), encontram-se depoimentos que mencionam as primeiras lutas ocorridas nas décadas de 1970 e 1980, em que as lideranças relatam a coragem de um conjunto de moradores: “[...] tudo o que nós temos foi através da luta, sofremos, a polícia bateu muito na gente, assim invadiram a nossa casa [...]”. E prossegue relatando: “[...] a gente foi ameaçado de morte várias vezes, mas a gente deixou o medo de lado e a gente teve de avançar”.

Em Rodrigues (2003, p. 35), pode-se confirmar um trecho semelhante, que relata cenas de confronto da liderança: “Olhe, companheira, nesse dia nós apanhamos tanto, mas tanto, eu levei uma porrada da polícia [...]”. E complementa: “A polícia veio, quis invadir minha casa”.

Dessa maneira, os relatos vão construindo e sedimentando a ideia de um bairro de luta e, ao mesmo tempo, fortalecendo um sentido mítico sobre a origem do bairro nesta constante afirmação. Lembro, contudo, que, a partir de 1990, é incorporado aos relatos das lutas vivenciadas no bairro um novo aspecto, o aspecto da solidariedade. Observa-se nesses relatos que luta e solidariedade passam a ter dimensões, senão iguais, claramente próximas.

Ora, os mitos também se reafirmam como já mostrou a antropologia em Lévi-Strauss (1975) e a sociologia em Durkheim (1989). Eles vão construindo e sedimentando ideias, no presente caso, em especial, no que diz respeito ao mito de origem e, ao mesmo tempo, fortalecem o mito seguidamente narrado. De modo mais evidente, nas solenidades, os mitos se reafirmam à medida que são evocadas as lutas e, por meio delas, os valores, as crenças, enfim.

De maneira geral, os estudos sobre os mitos relativos às sociedades primitivas sempre estiveram presentes em diversas áreas do conhecimento. Estudos recentes elaborados sobre instituições e empresas mostram que, em geral, todas elas constroem os seus relatos míticos – a respeito ver Gonçalves (1998; 2006), Mendonça et al. (2000), Rodrigues (2004), dentre outros.

Em pesquisa etnográfica sobre a Empresa Odebrecht & Cia, Gonçalves (2006) apontou que há um caráter mítico sobre a gênese da empresa apreendida na narrativa de seu fundador. Este relato mítico, argumenta a autora, está presente nas “versões da TEO”, “nas entrevistas” e nos “rituais de integração, realizados pela Odebrecht em reuniões anuais”. A autora diz ainda:

Quando afirmo que a estória de origem da TEO relatada oficialmente assume um caráter de narrativa mítica, desejo enfatizar que os acontecimentos dos relatos referem-se ao passado-origem da CNO. Essa história se reproduz ao longo do tempo e assume um caráter explicativo sobre a organização atual da Empresa. (GONÇALVES, 2006, p. 104-105).

Gonçalves (2006) afirma ainda que os relatos, além de elucidar a “organização social”, “justificam” e “legitimam”, por meio de eventos passados, a atual organização social da CNO. Com isso, lembra a autora, “[...] há um princípio de legitimação da ordem social incorporada na própria narrativa”. E, por esta razão, a narrativa sobre a empresa remete à fundação do grupo (GONÇALVES, 2006, p. 105).

De forma semelhante, ao discutir as narrativas míticas sobre o Banco do Brasil (RODRIGUES, 2004, p. 126), a autora aponta que “[...] a narrativa nem sempre é voltada para justificar o presente ou pensar o futuro”, mas é uma forma de retomar um tempo perdido que, ao ser rememorado, permite a manifestação dos sentimentos de pertencimento.

A afirmativa da autora acima referida me conduz a pensar sobre a relação entre história e temporalidade. Isto é, a história na perspectiva do vivido, do experimentado, e não apenas do datado. Nesta direção, a temporalidade comporta os relatos de acontecimentos referentes ao passado, retomados em determinadas circunstâncias em que, ao serem recontados, têm a propriedade de conferir sentidos ao presente.

Convém pensar que, deste modo, os fatos, à medida que são contados, constroem um imaginário sobre determinados eventos, situações, pessoas, instituições. Neste caso, afunilo o meu olhar sobre o caso do Conjunto Palmeiras e percebo que as repetições dos relatos feitos sobre os acontecimentos passados reafirmam-se permanentemente como forma de ressaltar as lutas e promover a união, como nos episódios narrados.

Lévi-Strauss (1975) diz que o mito está ligado à linguagem e à palavra por meio de sistemas temporais. Um mito, afirma o autor, relaciona-se, incondicionalmente, a “acontecimentos passados”. Contudo, o que valida o status de mito é que estes acontecimentos formam uma estrutura permanente. E, segundo Lévi-Strauss (1975, p. 241), o mito articula simultaneamente, passado, presente e futuro.

Ainda de acordo com Levi Strauss (1975), a importância do mito não se encontra nem no estilo, nem no todo da narração, nem na sintaxe, mas na história que é relatada. O mito, adverte o autor, “é linguagem”, mas uma linguagem que tem lugar em um nível muito elevado, e aonde o sentido chega. Assim, continua o autor, “[...] a capacidade transformadora é inerente ao mito”, promovendo diversas versões a partir do mesmo conteúdo (LÉVI- STRAUSS, 1975, p. 242).

Entendo que, no caso do Conjunto Palmeiras, a dimensão simbólica presente nos relatos, proporciona identificar não somente a construção mítica sobre bairro, mas também identificar analiticamente os relatos míticos como dispositivos capazes de elucidar processos que legitimam o bairro como solidário.

Mendonça et al. (2000, p. 33) ressaltam que, nos relatos míticos, no caso de instituições, a figura do dirigente, de algum modo, incorpora os valores daquilo que representa e passa a compor a narrativa que o transforma no símbolo daqueles conjuntos de valores da cultura da instituição/entidade à qual pertence.

No caso do Conjunto Palmeiras, a construção mítica também se revela em personagens que, além de narrar os inícios do bairro e suas lutas, passam a figurar como personagens míticos nesses relatos. E, como extensão desses personagens, o relato abaixo mostra que também as coisas, como o local, a residência, passam a se tornar lugares míticos, quase sagrados:

A casa do Augusto pode parecer uma coisa muito particular, mas não é. A casa do Augusto, que ele mora até hoje, que é a mesma casa, lá aconteceram centenas de reuniões, muitas coisas aconteceram ali também. A rua que o Augusto mora é a Serra Azul. A casa do Augusto é um espaço muito significativo para a comunidade.

(Depoimento do Joaquim. Entrevista realizada no dia 12 de abril de 2012).

1.1 Histórias individuais, lutas coletivas.

A liderança citada é Augusto Barros Filho, hoje com sessenta e dois anos de idade e residente desde 1978 no Conjunto Palmeiras, na Rua Serra Azul, próxima às duas principais avenidas do bairro: Iracema e Val Paraíso. Nas entrevistas realizadas com Augusto, ele recorda a infância miserável, “aonde chegou a comer carne de cobra” para sobreviver à fome. Oriundo da cidade de Chorozinho, município localizado a quarenta quilômetros da capital, é filho de servente de pedreiro e de dona de casa. Teve vinte irmãos, dos quais quinze chegaram a óbito ainda na infância, consequência da “fome e das doenças”, segundo ele. Atualmente, seu Augusto é casado com Toinha. Os dois se conheceram no Conjunto Palmeiras e têm quatro filhos. O casal é proprietário de uma loja de aluguel de itens para festa: cadeiras, mesas e toalhas, dentre outros. Nos últimos anos, seu Augusto migrou da Igreja Católica para a Igreja Evangélica e é presidente da Associação Beneficente de Valorização à Vida (ABVV), localizada, também, na Rua Serra Azul.

Em uma das nossas conversas, fui surpreendida pelo grande esforço desse senhor, ao relatar o seu sentimento na festa de 33 anos da Associação de Moradores do Conjunto Palmeiras (ASMOCONP), ocorrida em 2010. Enquanto mencionava detalhes da festa que aconteceu na principal pracinha do bairro, situada na Avenida Val Paraíso, suas mãos principiaram a tremer. Observei que prendia as mãos, uma sobre a outra, mordida os lábios, até, não conseguindo se conter, chorar copiosamente. Suas mãos calejadas, que então cobriam seu rosto, retratavam sinais da difícil vida; as cicatrizes remetiam ao tempo em que trabalhara como catador de lixo, na rampa do Jangurussu.

Enquanto eu o observava, ele me disse; “Companheira [silêncio], eu vou contar uma coisa [silêncio], só quem passou o que nós passamos aqui [choro], pode sentir o que eu senti no dia da festa da associação”.

Dessa maneira, percebi que também é sedimentado nesses relatos um conjunto de imagens sobre as pessoas que se reconhecem como parte desse bairro dito solidário. Quando me refiro ao bairro, não me refiro ao bairro em sua totalidade, mas aos lugares que passam a referendar a ideia do bairro solidário. São eles: a praça, a sede da associação, a creche comunitária, o canal de drenagem, as lagoas de estabilização, dentre outros.

Diz Augusto que “[...] a festa da energia foi na casa da Marinete”. Lembra-se da festa de inauguração da energia elétrica no bairro, na década de 1980, e menciona que os moradores não aceitaram a organização da referida festa pelo poder público (prefeito e vereadores de Fortaleza), acrescentando: “Nós não aceitamos, porque eles iam querer aparecer e foi uma luta nossa”.

Marinete Brito da Silva, liderança muito presente nos relatos das lutas do bairro, foi uma das primeiras dirigentes da ASMOCONP, criada em 1981. Dona Marinete é oriunda do município de Quixeramobim, localizado a duzentos e três quilômetros de Fortaleza. Chegou para morar no Conjunto Palmeiras em 1974. Tive oportunidade de conversar com dona Marinete diversas vezes: durante os eventos, nas solenidades sobre bairro e na feira livre, onde atualmente trabalha como feirante.

Em nossas conversas, ela revelou a gratidão ao bairro e disse: “Olhe, Fernanda, se alguém dissesse: Marinete sai do Palmeira! eu acho que eu morria”. Dona Marinete, como é conhecida no bairro, mora na mesma residência desde que chegou ao bairro, em 1974, na Rua Pensamento, próxima às Avenidas Val Paraíso e Iracema. É viúva, como sempre enfatiza, “[...] de dois casamentos” e veio morar em Fortaleza para trabalhar como empregada doméstica. Ela relata: “Tive três filhos, e uma faleceu com pouco mais de vinte anos, vítima de paralisia cerebral”.

Há um estudo intitulado *Viva a favela: quand les démunis prennent leur destin en main* (2009), que é uma narrativa de cunho jornalístico, publicado somente no idioma francês e que narra a construção do Conjunto Palmeiras, a partir do olhar das lideranças locais. O livro cita fragmentos das lutas e conquistas ocorridas no bairro. Conforme vai se desenvolvendo o processo de construção do bairro, surgem personagens que, de algum modo, lideraram os episódios relatados: Marinete da Silva, Augusto Barros, José Valdo, Dorinha, Joaquim, dentre outros. As narrativas também apresentam entidades sociais como protagonistas dessas lutas. São elas: as Comunidades Eclesiais de Base (CEB); a Igreja Católica, por meio dos padres e arcebispos do Ceará; os movimentos sociais, como federações, associações; o governo municipal, estadual e federal.

O principal narrador apresentado nesse livro é Joaquim Melo, atual coordenador do Banco Palmas. Joaquim, como é conhecido no bairro, nasceu no estado de Pará, região Norte do Brasil, e veio morar em Fortaleza no início da década de 1980 com a finalidade de participar, como seminarista, de uma experiência chamada “padres da Favela”^v. Ao chegar a Fortaleza, residiu durante quatro meses no bairro Jangurussu. Joaquim conta que conviveu diretamente com os catadores de lixo e os moradores das favelas próximas ao aterro do Jangurussu. Dentre estas favelas, encontrava-se o Conjunto Palmeiras. Segundo Joaquim, a convite do arcebispo da arquidiocese de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider, passou a morar no Conjunto Palmeiras, assumindo as tarefas do padre Jacó, que havia se desligado da igreja do bairro. Joaquim relata que, àquela época, embora fosse seminarista, chegou a realizar, com o consentimento do Arcebispo, “extrema-unção, comunhão e batizado”. Nesse período, lembra Joaquim, passou a morar numa “casinha” localizada nas dependências do templo religioso. Enfatiza: “Eu já conhecia algumas pessoas [do bairro] que trabalhavam na rampa como catadores de lixo”.

Também nesse período, conforme relata Joaquim, iniciou sua participação nos movimentos populares: “[...] foi quando me associei a AMOCONP”, ressalta, concluindo: “Aí, em 1988, terminei o curso de teologia, só que não me ordenei padre, desisti, tava tão envolvido com as lutas, com os mutirões, aí eu continuei na comunidade”. Afirmar ainda que “[...] depois de dois anos eu me casei com Dorinha [antiga moradora do bairro e que atualmente reside em Frankfurt, Alemanha]”. Durante nossa conversa, admitiu que sua renúncia ao sacerdócio foi um momento “difícil” e relata:

Então, tinha que chegar para o bispo e dizer que não ia ser padre. Então marquei com ele lá no Arcebispado e confesso foi um dia muito difícil dizer isso pra ele, só que no dia que entrei na sala, ele era um cara muito iluminado, quando entrei na sala, quando entrei na sala, ele disse assim, eu nem falei, ele disse assim: “Meu filho, vou dizer uma coisa pra você: não só tem uma forma da gente servir a Deus não, não é só sendo padre que a gente serve a Deus, não. Olhe, existem várias formas. Vá e Deus lhe abençoe; mas vou lhe fazer só um pedido: nunca deixe de trabalhar pelos pobres. Ele não deixou nem eu abrir a boca, ele já sabia, né? Eu saí dali sem o peso que levava nas minhas costas. Então, ele poupou de ter que explicar tudo [...] Aí, pronto, nunca mais saí desse caminho, né?. Por exemplo, nunca senti vontade de sair para fazer uma universidade, nunca mais saí dessa pegada. Tô aqui desde àquela época, de ponta a ponta, como eu costumo dizer. Hoje eu durmo fora [referindo-se ao atual bairro que reside], mas a minha vida é aqui dentro.

(Depoimento de Joaquim Melo. Entrevista no dia 12 de abril de 2012)

E, complementa:

Tudo que aprendi foi aqui dentro. Todos os meus giro aqui no Brasil e fora do Brasil é por conta do Conjunto Palmeiras. Mas até hoje qualquer tema que foi dar qualquer um, o povo quer ouvir antes de qualquer coisa a

história do Palmeiras, se eu não falar, seja por que razão, eles sempre dizem: “Dá pra você [relator] um pouquinho como começou?”
(Depoimento de Joaquim Melo. Entrevista no dia 12 de abril de 2012)

Devo ressaltar que os relatos dos episódios narrados, no geral, coincidem com fragmentos constantes dos estudos acadêmicos e jornalísticos realizados sobre o bairro. São primordialmente relatos sobre a mobilização pelos serviços básicos (água potável, energia, transporte público, saneamento básico). De um modo geral, o conteúdo das narrativas compõe relatos que sedimentam a ideia de um bairro de lutas.

Com a finalidade de mostrar fragmentos dos acontecimentos históricos, retorno aos relatos em que as lideranças locais elucidam, nos depoimentos, os vínculos entre os moradores no processo de construção do bairro:

[...] pra gente conseguir o transporte, precisamos quebrar três ônibus, eu o Joaquim a Marinete e a Toinha e outros companheiros ficamos de 4 da manhã até meia noite, contando quantas viagens o ônibus dava até o centro. O dono do ônibus dizia que nós tínhamos 16 ônibus e nós dizíamos que só tinha oito e nós comprovamos.

Os episódios narrados por seu Augusto referem-se também à persistência nos embates com as instâncias governamentais. Como quando ele diz: “Levamos uma turma de moradores até a CAGECE, lá as lideranças não comeram. Eram dois ônibus, e a gente preocupado com as mulheres gestantes [...] só elas comeram. Na CAGECE não resolveram o problema”. E recorda ainda: “Marcamos uma reunião com o Governador. A gente deu um prazo para o Governador de trinta dias. O Governador aceitou o prazo, com trinta dias ele não fez”. No trecho seguinte do depoimento, a liderança menciona êxito da reivindicação “Voltamos lá, a gente disse que a gente não ia se responsabilizar pelo que aconteceu com os canos da água que vai pra Fortaleza, nós vai furar os canos, aí eles disseram: não, não faça isso não, pediu mais quinze dias”.

Assim, os fragmentos dos relatos em destaque permitem perceber que a memória, quando acionada, se reporta sempre às origens do bairro. Na perspectiva do seu Augusto, pode-se perceber que o mito de origem do Conjunto Palmeiras é descrito a partir dos empecilhos em relação à escassez de serviços básicos ofertados, como também na determinação em enfrentar estes obstáculos.

O depoimento abaixo, de Joaquim Melo, revela outra dimensão suscitada a partir dos relatos míticos sobre o bairro. Esses relatos, além de reafirmarem a ideia de bairro de lutas, também revelam outras significações dadas ao bairro, como a calcada na solidariedade. Veja-se:

Eu acho que a própria história do bairro, a maneira como ele constrói sua história com uma lógica de solidariedade, pautando em nossas grandes lutas, lutas todas muitas coletivas, é um bairro que se urbanizou. Um bairro que se urbanizou tem na sua própria gênese a solidariedade. Então são poucos bairros de Fortaleza, aliás não conheço nenhum, fora o Conjunto Palmeiras, que tenha se autourbanizado. Deve até ter, mas eu não me recordo de cabeça. Qual foi o bairro que criou seu canal de drenagem? Não foi uma ponte, foi um canal de drenagem de 1700 metros! Foi feito em mutirão! Então isto é uma construção coletiva: criou sua praça, criou o asfalto, o esgotamento.

Quero dizer que fizemos com nossas próprias mãos, coordenado pela Associação de moradores. Então o próprio processo de construção física do bairro remete a uma lógica, ou mais que uma lógica, cria-se uma necessidade de solidariedade. [...] O Palmeiras fez um culto a sua memória muito grande, porque gerenciou conflito. Então o que as pessoas, a gente

conta esta história de frente pra trás e trás pra frente, e todo mundo se orgulha dessa história do Conjunto Palmeiras. A gente não mudou o nome do bairro, não mudou o nome da rua, não mudamos o nome de nada. A gente preservou tudo isso e fizemos uma apologia a tudo isso, a essa tragédia urbana que foi a nossa chegada aqui, virou uma apologia e virou um motivo de honra para todos nós. Então a gente criou uma identidade do Palmeiras. Palmeiras virou uma marca, virou uma grife.

(Depoimento do Joaquim Melo. Entrevista realizada no dia 22 de abril de 2012)

No depoimento acima, observam-se duas percepções sobre o bairro que se complementam. Uma se reporta às lutas passadas; outra vincula essas lutas à imagem atual do bairro. A liderança afirma que está presente, na gênese do bairro, o traço da solidariedade. Desse modo, os relatos “das lutas” não expõem somente acontecimentos passados, mas promovem novos valores ao bairro, que, do ponto de vista dos narradores, estão intrinsecamente vinculados ao passado marcado pela união e que agora é traduzido por solidariedade.

No testemunho do Joaquim, é ele menciona a solidariedade que emerge nos momentos das “lutas”. Lembra que isto se deve à união dos moradores nos embates ocorridos no bairro. Nesse sentido, a solidariedade para Joaquim é equivalente à união.

Assim, à medida que esses acontecimentos históricos relatados passam a se configurar como formas de fortalecimento da imagem do bairro, as lideranças tecem narrativas que reforçam esta imagem do bairro solidário e o disseminam para outros contingentes populacionais de forma a, segundo o depoimento abaixo, adquirir maior credibilidade local e nacional:

A gente leva a nossa história para outros lugares, pra gente continuar existindo do jeito que estamos é extremamente renovador, [a organização social do bairro] porque muitas comunidades que não têm nenhuma organização local, não conseguem sobreviver aos grandes desafios locais. Nós fomos construindo tudo isso há mais de 30. Ganha especialmente a comunidade que precisa. Mas é preciso a gente saber o que somos mais ainda, para que a gente tire proveito no sentido de aproveitar a credibilidade que nós temos aqui dentro na cidade, no estado e no Brasil.

(Socorro Alves, Diretora da ASMOCNP. Entrevista realizada em 24 de março de 2010)

Além do mais, os depoimentos de Socorro e de Joaquim buscam reafirmar a ideia de bairro solidário, a partir do sentimento de pertença, de identidade. Nota-se, desse modo, que os relatos afirmam episódios passados, reafirmam antigos valores e criam novos. As experiências vivenciadas passam a incorporar esses relatos. Da mesma forma, essas afirmações se estendem às entidades e instituições locais. Com isto, já não é mais somente o passado, mas o passado reafirmando também o presente, quando os depoimentos narrados estão vinculados a novos valores, intrinsecamente ligados ao mito de origem do bairro, ou seja, a ideia do bairro “lutador”.

1.2 Considerações Finais.

O caráter mítico dos relatos está presente em vários depoimentos das lideranças, como se percebe em diferentes momentos em que elas narram a história do bairro. Por esta razão, a repetição se torna uma explicação comum para aqueles que relatam os episódios. Existem alguns acontecimentos que marcam esses relatos, como o falecimento de uma criança cujos pais não tinham como realizar o sepultamento, o que fez os genitores recorrerem à liderança, ocorrendo então a mobilização dos moradores para realizar as exéquias. Também as ocupações ocorridas no bairro, além das articulações para a instalação de serviços de infraestrutura básica. Essas últimas,

em especial, são repetidas constantemente, são reafirmadas como se a reiteração sedimentasse a ideia das lutas sociais da união, das entidades e instituições, dos lugares, enfim. Os relatos conferem uma identidade ao bairro e, ao mesmo tempo, o legitimam como referência dos ideais de solidariedade proclamados por entidades vinculadas ao movimento da Economia Solidária.

Os relatos, portanto, são estratégias tanto de divulgação do bairro e de suas iniciativas, como de manutenção do espírito de mobilização da população local e incentivo às populações de outros bairros carentes – e são utilizadas em determinados momentos significativos que ocorrem dentro ou fora do bairro, mas, sobretudo, momentos que falem sobre o Conjunto Palmeiras.

REFERÊNCIAS

- Durkheim, Émile. **Da divisão do trabalho social**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- França Filho, Genauto Carvalho de. Teoria e prática em economia solidária. Problemática, desafios e vocação. **Revue du Mauss**, Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 155-174, jan.-jun 2007.
- Gonçalves, Alícia Ferreira. **Cultura de participação no setor de telemática**. Campinas: Unicamp, 1998.
- _____. **Cultura, mercado e transnacionalidade**: um olhar etnográfico. Campinas: Unicamp, 2006.
- Lévi-Strauss. A estrutura dos mitos. In: Antropologia estrutural. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975
- Matos, Kelma Socorro Lopes de. Palmeiras, novas respostas para velhas questões. A força na política da unidade. A socioeconomia solidária: ensaios de sociabilidade e cidadania no conjunto palmeiras. In: MATTOS, Geísa; MATOS, Kelma Socorro Lopes de; CARVALHO, Sandra Maria Gadelha de. **Palmeiras**: registros de cidadania. Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2002. p. 38-55.
- Mendonça, Luís Carvalheira de; MENDONÇA, João Hélio. **IMIP**: identidade, missão, trajetória. Recife: Bagaço, 2000.
- Rodrigues, Fernanda. Banco Palmas: rituais de cidadania. In: RODRIGUES, Léa. **Rituais, dramas e performance**. Fortaleza: UFC, 2001. p. 257-270.
- _____. **Socioeconomia solidária**: tecendo novas relações sociais no Conjunto Palmeiras. 2003. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, 2003a.
- Rodrigues, Léa Carvalho. **Rituais na universidade**. Uma etnografia na Unicamp. Campinas: Unicamp, 1997.
- _____. O Banco do Brasil e as construções simbólicas sobre a idéia de nação. Mosaico. **Revista de Ciências Sociais**, Vitória, ES, v. 1, n. 2, p. 105-133, 1999.

NOTAS

ⁱ Este artigo faz parte da tese de Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, concluído em dezembro do ano de 2012. O referido artigo será apresentado no **GT 08- Desigualdad, vulnerabilidad y exclusión social no XXIX Congreso Latinoamericano de Sociologia-ALAS, em Santiago –Chile ano de 2013**.

ⁱⁱ A Avenida Santos Dumont é uma das avenidas mais importantes da cidade de Fortaleza. É considerada uma das vias mais longas da cidade, com mais de oito quilômetros, ligando o bairro Centro à zona leste da cidade.

ⁱⁱⁱ Secretarias Executivas Regionais, também conhecidas como SERs, são termos que se referem a subprefeituras localizadas na cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará. Fortaleza costumava também ser dividida em cinco distritos: Fortaleza (Sede), Antônio Bezerra, Parangaba, Messejana e Modubim. Cada um destes apresentava seus

bairros. Esta divisão não segue à atual, em Secretarias Executivas Regionais, feita pela primeira vez em 1997. Ver sítio da Prefeitura Municipal de Fortaleza (<www.fortaleza.ce.gov.br/>)..

^{iv} Em geral, antigos moradores do bairro chamam “Palmeira”. Mas, do ponto de vista das instituições, o bairro é denominado de “Palmeiras”.

^v “Padres na favela” foi uma experiência de cunho religioso, criada pelo então arcebispo de Fortaleza, Dom Aloísio Lorscheider. A ideia dessa experiência consistia em oportunizar aos seminaristas uma convivência próxima com grupos sociais excluídos, oportunizando assim que os religiosos fossem morar em favelas. Além disso, também esses seminaristas realizavam tarefas como: organização de sua própria alimentação, higienização de suas vestimentas, dentre outras. Tudo isso era realizado sem desligar-se do curso de graduação em Teologia. À época, o grupo foi formado por sete seminaristas vindos de vários estados brasileiros.